



Foto: Fernando Resendes / Teatro Micaelense

# CARLOS ALBERTO MACHADO

Não preciso que me digam que é impuro o que escrevo vê-se pelas cicatrizes nos dedos da mão direita (a calosidade amarelada de nicotina no dedo anelar é trabalhinho escravo) também a espinha lixada e a falta de dentes o mostram bem não tenho biografia não a procurem no canto mal cheiroso no medo da noite (o catecismo não é igual para todos não é?) a minha biografia se quiserem começa e acaba no registo civil em mil novecentos e cinquenta e quatro também tive direito a nascer numa geração rasca a de pais anónimos e mães solteiras o que escrevo é impuro como os sangues menstruais e o mijo a destilarem amoníaco a federem como as fábricas da cuf na outra margem onde se escrevia em peles curtidas pelo silêncio ou como o sangue coagulado dos mortos na guerra colonial pestes é que não têm faltado na minha vida deambulo pelos sonhos onde me perco extenuado e amanheço quase sucumbindo ao ar excessivo que me invade os pulmões desremelo os olhos e a esbracejar inauguro o dia saído da noite onde se pesca palavras e outros excrementos da alma.

In *A Realidade Inclinada*,  
Averno, Abril de 2003, p. 49.

Leva um pouco de mim  
eu fico.

In *Talismã*, Assírio & Alvim,  
Novembro de 2004, p. 40.

## SABOR DE AZEDAS

(1)

Chega agora  
a minha vez.  
Nada a dizer  
somente  
duas ou três  
palavras  
que falam  
de uma luz  
pequenina  
escondida  
num canto  
da infância.

In *Mundo de Aventuras*,  
Ataegina, 2000.

**CARLOS ALBERTO MACHADO** (Lisboa, 1954) é licenciado em Antropologia e mestre em Sociologia da Comunicação e Cultura. Escreveu ensaio, teatro, poesia, contos, romance. Foi professor de teoria e investigação nas licenciaturas em Teatro da Universidade de Évora e da Escola Superior de Teatro e Cinema. Tem colaboração dispersa por várias revistas e antologias. O primeiro livro de poesia, *Mundo de Aventuras*, surgiu em 2000. Nove anos depois, reuniu num só volume a sua produção poética: *Registo Civil* (Assírio & Alvim). Editor da Companhia das Ilhas, que fundou com Sara Santos em 2011, tem vindo a exercer um relevante papel na edição de novos autores e na recuperação de obras algo esquecidas. Vive nas Lajes do Pico (Região Autónoma dos Açores).

**DIGA33**  
poesia no teatro  
às terças-terças-feiras  
de cada mês

Programa elaborado por  
**HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO**



**2018**  
TEATRO DA RAINHA

## OLHOS DE FAZER MUNDOS

É com os olhos que primeiro cultiva a terra. Não é coisa de agora, era ele pequeno e já a mãe o adivinhava, dizia ela para o seu homem: «o nosso filhinho sonha com os olhos abertos.» Neles, sem mãe nem pai saberem, desenhava o menino as suas primeiras brincadeiras, os seus primeiros sonhos. Mas António não sabia, nunca soube que era isto que a mãe via nos seus olhos. Talvez ela lho quisesse dizer um dia, mas partiu antes de chegar a decidir-se. Talvez tenha sido melhor assim.

Olhamos os olhos de António e vemos regos de água, árvores e animais, uma casa a abraçar uma árvore forte e frondosa, um cão atento. Cores quentes e um homem de olhos verdes que é ele a caminhar a passos largos sobre a terra. O homem que é ele e que se sonha, trabalha a terra com as suas próprias mãos. Mas o que suja, alarga e fortalece as suas mãos é mais que coisa orgânica, é o próprio mundo que ele faz nascer.

António e os seus olhos de fazer-mundos já desenharam mundos de outras maneiras. Em pedaços de papel sensível, entre claros e escuros, linhas e ângulos e coisas por desvelar, descobriu ele outro modo de ser e de se ir fazendo homem – cada vez mais longe da mãe. Ou talvez não.

No tempo em que o ódio ainda lhe aflorou os olhos e as mãos, como a qualquer homem que neste mundo é feito, lutou contra os burocratas da educação oficial, contra os moldadores de consciências. Tentou, como “ensinador”, mostrar aos rapazes e raparigas que a reciprocidade era o único princípio, e primeiro. Falhou. A ignorância e a mediocridade, em defesa do bom senso e dos bons valores, cresceram e falaram mais alto. Por uns tempos, os olhos d’água de António turvaram-se de cinzento.

Agora, com os cabelos a aclararem e a alma ainda em fogo, António realiza na terra o que os seus olhos tanto sonharam. Tal e qual. Só, a apontar o céu. Firme. A única maneira de se ser homem em terra madrastra.

Da sua terra amada vê o oceano a transformar-se, a abraçar a terra e a engoli-la. Os homens de olhos turvos não sabem para que serve o olhar.

In *Novas Estórias Açorinas*,  
Companhia das Ilhas,  
Novembro de 2016, pp. 77-78.

### PRÓXIMA SESSÃO 15 DE MAIO

com

#### MIGUEL-MANSO

autor

#### PEDRO MEXIA

coordenador  
da colecção de poesia  
da Tinta da China

henrique  
manuel  
bento falho  
nuno moura  
joão paulo  
estes  
da silva  
paulo  
da costa  
domingos  
manuel d.  
domingos  
carlos  
alberto  
machado  
miguel-manso  
pedro mexia  
miguel de  
carvalho  
rui costa  
andre corréa  
carvalho  
margarida  
vale de gato  
claudia souco  
basco david  
helena vieira  
m. parissu  
jaime rocha